

BORGES DA FONSECA *

Mário Márcio de Almeida Santos
da Universidade Federal de Pernambuco

Em vez de dissertarmos no abstrato e de traçarmos no papel limites bem delineados, coloquemo-nos diante das realidades. E apliquemos o bom método: compliquemos o que parece bem simples.

Lucien Febvre

Antônio Borges da Fonseca, o **Repúblico**, nasceu na Paraíba, terra de homens indômitos, de história gloriosa e acidentada, pobre, dura, difícil de governar. Suas marcas temperamentais, resultam, possivelmente, dessas raízes telúricas.

Típico representante da pequena burguesia radical, é um polemista, um homem do contra, alguém que não gosta de ser confundido com a multidão dos conformistas. **Rousseauiano**, para ele a verdade é a conformidade com a natureza e, em política, a conformidade com a lei que exprime a vontade geral.

Contestador, litigante obstinado, verdadeiro D. Quixote nordestino: "magro, escaveirado, fisionomia simiesca, óculos fixos, ardente até a temeridade, timbre de voz agudo e áspero, tinha, entretanto, palavra fácil, animada e persuasiva, segundo o Gen. Mello Rego.

Havia uma certa tensão em seu rosto moreno, uma ansiedade, um descontentamento latente, como se houvesse compreendido a inutilidade do perdão e a fatalidade da violência.

Numa visão superficial lembra um personagem balsaqueano: governado por uma

(*) Capítulo introdutório do livro em elaboração: **Borges da Fonseca — um Homem contra o Império.**

única paixão, fechado numa monomania fácil de identificar, monolítico, encorajado em seus princípios ideológicos, de arestas cortantes como lâminas de aço.

Enganosa esta horizontalidade. Ao aceitá-la correm-se riscos. É como reduzir cordilheiras a planícies ou tentar a abstração do real. Decifrar uma vida é tarefa difícil e o historiador corre o risco de engajar-se entre os que louvam ou criticam o biografado, esquecido de que sua missão é encontrar um equilíbrio, ao mesmo tempo passional e imparcial. Mais que isto. É discernir sua singularidade, os traços que lhe pertencem, articulados a uma sociedade bem determinada e datada; enfim, inventariar o homem em seu detalhe, recolocá-lo em seu meio, recompor os dados mentais de que dispunham os homens daquela época. Daí, por um possante esforço de erudição, mas também de imaginação, reconstituir o universo físico, intelectual e moral, no meio do qual se movem todas aquelas pessoas de sua geração e de seu universo particular.

Borges da Fonseca é uma personalidade fluida, contraditória. Sua existência tem a ondulação das vagas marinhas.

Jornalista, tribuno, advogado, agitador, parece sofrer de delírio ambulatório. Atua na Paraíba, Pernambuco, Rio de Janeiro e Europa. A ação é o seu elemento, sem ela sua alma emagrece e definha como um leão faminto.

Por longos anos bate-se pelo advento de uma sociedade geometricamente perfeita e quer substituir tudo que é vida pela razão. Dionisíaco em suas paixões, apolíneo em sua inflexibilidade, mais gótico que barroco, tem muito de asceta: riqueza, posição social, nada o tenta.

Figura quimicamente pura do questionador, pungentemente inquieto, vive num misto espasmódico de sensação e desespero. Acredita que tudo está errado, mas crê na possibilidade de recolocar as coisas em ordem mesmo tendo de destruir tudo.

Ignora a desproporção entre o sonho e a realidade; entre o motivo e a ação.

Para viver, sua alma tem de estar em íntimo contato com o mundo, assimilá-lo através de todos os canais dos sentidos e do desejo, do pensamento e das sensações. Tudo o que obstrui esses canais, toda rotina, toda a inconsciência gerada pelo hábito, do conformismo que possa vedar-lhe essas passagens, ele as rompe sem medir dificuldades ou conseqüências.

Não se ajusta aos padrões comuns e jamais sacrifica a ninguém seu espírito independente, sua vontade própria, guardando para si a liberdade de mudança e de ir para longe.

Parece ingrato, cruel, inconstante. Esquece o amigo de ontem, compactua com o inimigo mais recente. Seus passos são audaciosos, seus caminhos imprevisíveis. Sustentado por uma coragem fria, move-se como um sonâmbulo pela encosta de muitos abismos. Quase sempre está só, poucos conseguem acompanhá-lo em tais escaladas.

Todavia não é um cortejador do martírio. Foi o que o mundo chama geralmente de idealista. Até quando defende programas irrealis e acredita em entidades salvadoras como **República** e **Federalismo**, exprime uma comovedora fé nos homens e na razão.

Combina uma crença um tanto ingênua na possibilidade de uma transformação violenta da sociedade, com uma confiança firme na racionalidade dos homens e na

possibilidade de aperfeiçoá-los pelo conhecimento. Não percebe, que o fundamento da liberdade é a soberania da razão, nunca a soberania da vontade.

Recife é o campo de estudo que tivemos de privilegiar. Na opinião de Joaquim Nabuco, não gostava do Rio de Janeiro: "a tranqüilidade da atmosfera, de alguma forma, o asfixiava a ele que só respirava bem o ar de tempestade, e em pouco tempo voltava para Recife, cujo caráter nacionalista e democrático o confortava mais do que o indiferentismo fluminense duas vezes viciado para ele, de corteseanice e de estrangeirismo".

Essa delimitação tem o inconveniente de apagar os matizes mais descentrados de sua vida; em compensação oferece um aprofundamento naquilo que representa o que há de característico e autêntico em sua personalidade: a coragem de combater os poderosos e a virtude de não ser corrompido por eles.

Homem de ação é nesse campo que reside sua importância. Como intelectual nada criou de duradouro ou original; não obstante, o excedente de força e energia que carrega, em tempo algum degenera em intrigas malévolas e é a temeridade nas horas difíceis que lhe dá os traços marcantes da verdadeira grandeza.

Funda 23 periódicos, redigindo-os no intervalo de 42 anos. Embora escrevesse artigos, manifestos, cartas e comentários políticos durante quatro décadas, não deixou um único livro, expressão das suas idéias à posteridade. Em relação à si mesmo, é parcimonioso e discreto. Demonstra sempre uma resistência interna ao luxo e à ostentação, além da arte de saber esconder sua vida privada e seus sentimentos pessoais.

Acredita nas coisas que diz, sendo capaz de sacrificar-se para concretizá-las. Comete erros, faltas, crimes; sem questionar, sem piedade, sem sentimento de culpa — com a consciência limpa e a certeza de criar um mundo harmonizado com a justiça. Um tal endurecimento da lógica pressupõe uma paixão intensa. Sonha com uma ordem conciliada onde vislumbra a cidade ideal, quando os homens, governados pelo direito, viverão a identidade de sua natureza com a razão.

Contraditório, temperamental, há nele ambiguidade que desnorteiam o analista pouco experiente. Hostiliza e corteja Pedro II; ao mesmo tempo, endossa, desassombrado, causas impopulares e antipatriotas, como a defesa do Paraguai na guerra de Lopes contra o Brasil. Era desses que se tivesse de escolher entre ambos, seria suficientemente homem para sacrificar seu país à equidade. Por outro lado, os rompantes de aspereza são adoçadas por um terno amor à família, recebendo dos filhos, genros, noras, apoio e solidariedade. No íntimo, esse homem ríspido, não raro brutal, é amável e dedicado aos seus.

Claro, isto não anula outros defeitos. Trapaceia com a verdade, intitula-se doutor, bravateia. A coragem e a firmeza não bastam para alimentar-lhe o ego. Quer ser aceito. Sente dificuldade em separar a ilusão da realidade, tendo de recorrer a uma para alcançar a outra. Contesta e no entanto aceita os valores das elites dominantes. Com ele, porém, aceitar não significa compactuar com a circunstância, mas inverter sua negação, negá-la como negação pura, embora assumindo-a como um desafio.

Querer separar essas gradações, irisadas, indecisas, em vez de aceitá-las como pertencentes a um mesmo conjunto, é ter uma visão superficial da vida, sendo o mesmo que considerar as qualidades e defeitos de um homem como camadas superpostas, sem falhas, cobrindo uniformemente toda a superfície da existência. A vida se importa

pouco com a nitidez e a lógica. Ela tem sua própria lógica e nos desafia a compreendê-la e interpretá-la.

Sobre ele, as informações dos contemporâneos são poucas, incoerentes e contraditórias. Delas, a ilação imediata seria rotulá-lo de **ange** ou **bête**.

Quando um homem adquire uma reputação, boa ou má, as pessoas procuram adicionar algo a ela; pois um destino, por mais espantoso que seja, só aparece sob tal aspecto aos que o contemplam do exterior. O cotidiano é sempre monótono e os dias vívidos repletos ou vazios, agitados ou tranqüilos, são todos igualmente enterrados e a cinza do passado tem o mesmo peso em todas as mãos.

O método biográfico tem suas limitações. O enfoque de uma vida, sua singularidade, deforma a visão do conjunto; a árvore se sobrepõe à floresta, o detalhe ao quadro. A única alternativa é tentar um "objetivo a priori" ao subjetivo. Mas nem isto evita que o historiador se veja superado na análise que visa a identificar as estruturas através das fontes e criticar os testemunhos, remetendo-os à estrutura.

Certas armadilhas entretanto podem ser evitadas: os estereótipos, a retórica, o tom laudatório, as frases aliantes e a glosa das bibliografias secundárias.

Neste estudo sobre Borges da Fonseca jamais tentou-se dourar a realidade, escamotear-lhe as faltas. O propósito foi sempre entendê-lo, desvendar a discrepância entre a evidência e a perfeita verdade. Julgar é aceitar o dualismo do bem e do mal. Essa a razão porque em história é mais aconselhável compreender do que julgar. Assim, para completar a simetria do silogismo, ele foi sempre colocado em face de um elemento negativo de contra-prova.

Uma vez que os textos pecam pela contradição e pela escassez, que as fontes não são claras, há que se tirar da turvação sua clareza, mesmo tendo de recorrer à técnica de Cuvier: reconstituir o desconhecido através de um fragmento, medir o nebuloso pelo contorno de uma sombra.

Nem tudo ficou soterrado no passado. Sua personalidade sobrevive por entre os escombros pulverizados pelo tempo.

Impulsivo, irrefletido, Borges da Fonseca aceita o perigo sem saber medir-lhe o alcance. Poderia fazer seu o lema de Napoleão: **D'abord je m'engage, puis j'y pense**.

Numa vida de muitas lutas, experimenta o consolo da glória e o amargo da ingratidão. Mais esta que aquela. Já perto do fim, desiludido, descobre que a popularidade gasta, que, rápido, o grito de "Housana!" transforma-se no de "Crucificai-o"

Velho, permanece adolescente e guarda esse frescor juvenil que conservam os aventureiros, os eternos insubmissos, todos aqueles não triturados pela engrenagem do mundo convencional dos bem pensantes.